

PERCEPÇÃO MATERNA DO COMPORTAMENTO DE VINCULAÇÃO DA CRIANÇA AOS 6 ANOS: CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA

Pedro Dias, Isabel Soares & Teresa Freire

Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal

Resumo – Neste artigo é apresentada uma escala para avaliar a percepção materna do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos. Os autores começam por analisar os construtos teóricos subjacentes a este instrumento, bem como caracterizar o processo de elaboração da escala. São ainda apresentados e discutidos os resultados relativos ao estudo psicométrico desta escala junto de uma amostra de 92 mães.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento de vinculação; Avaliação.
KEY WORDS: Attachment behavior; Assessment.

INTRODUÇÃO

A avaliação da qualidade da vinculação em crianças nos períodos pré-escolar e escolar tem privilegiado a utilização de metodologias baseadas na observação de comportamentos em laboratório após separação, na representação simbólica da criança e na observação do comportamento em casa (Solomon & George, 1999). De uma forma geral, todas estas metodologias de avaliação implicam custos de tempo e recursos elevados, pelo que não possibilitam a utilização em grandes amostras. Por outro lado, a investigação do comportamento de vinculação em adolescentes e adultos tem sido largamente realizada através do recurso a escalas e questionários (e.g., *Inventory of Parent and Peer Attachment*, de Armsden e Greenberg; *Adult Attachment Scale*, de Collins e Read).

No âmbito de um projecto de investigação longitudinal foi sentida a necessidade do desenvolvimento de um instrumento que permitisse a avaliação da vinculação numa larga amostra de crianças que frequentam o primeiro ano de escolaridade¹. Tendo em conta a

Toda a correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Pedro Miguel Brito da Silva Dias, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal. Telef.: (253) 604256, Fax: (253) 678987; E-mail: pedrobdias@net.sapo.pt

impossibilidade de avaliar directamente as crianças através de questionários de auto-relato devido à sua idade (6 e 7 anos) e tendo em conta a utilidade reconhecida da avaliação psicológica de crianças através do recurso ao hetero-relato dos pais (e.g. CBCL e TRF de Achenbach), optámos por desenvolver um questionário para mães, centrado na sua percepção dos comportamentos de vinculação das crianças.

A construção deste instrumento teve em conta os passos propostos por Almeida e Freire (2000) para a elaboração de instrumentos de avaliação psicológica, nomeadamente, a definição dos construtos teóricos a avaliar através do instrumento, a formulação dos itens a incluir no instrumento, de acordo com os construtos teóricos e com a população-alvo a avaliar, a reflexão falada em relação aos itens elaborados, utilizando sujeitos pertencentes à população-alvo, a organização dos itens na escala e características estruturais da escala, a administração do instrumento a uma amostra, a análise das características psicométricas do instrumento elaborado e análise dos resultados e a avaliação da versão definitiva do instrumento.

DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO DE VINCULAÇÃO NO PERÍODO PRÉ-ESCOLAR

O desenvolvimento do comportamento de vinculação desenvolve-se, de acordo com Bowlby (1969/1982), em quatro fases, sendo que as três primeiras ocorrem no primeiro ano de vida (orientação e sinais sem discriminação de figura, orientação e sinais dirigidos a uma ou mais figuras discriminadas, manutenção da proximidade em direcção a uma figura discriminada através da locomoção e de sinais) e a última (relação recíproca orientada para objectivos) começa por volta do terceiro ano de vida. Estas quatro fases são influenciadas pelas mudanças que ocorrem tanto ao nível das competências emocionais, cognitivas, motoras e sociais. Assim, o comportamento de vinculação vai apresentando diferentes manifestações, de acordo com as aquisições desenvolvimentais da criança, tanto ao nível da procura da proximidade, como no que diz respeito aos modelos internos dinâmicos. Apesar de Bowlby considerar que o desenvolvimento do comportamento de vinculação termina com a quarta fase, vários autores têm proposto que a relação de vinculação, após o período pré-escolar, apresenta características diferenciadas da relação recíproca. Waters, Kondo-Ikemura, Richters e Posada (1991) apresentam um modelo de desenvolvimento do comportamento de vinculação com oito fases, algumas delas comuns às propostas por Bowlby. A última fase proposta por estes autores é a da supervisão partilhada. De acordo com Waters *et al.*, uma das principais funções da vinculação na infância é promover o desenvolvimento da independência. As alterações causadas pela transição do pensamento sensorio-motor para o pensamento representacional (ao nível da procura de proximidade, manutenção de contacto e comunicação com os pais) possibilitam que a base segura se torne "portátil", permitindo um alargamento progressivo da exploração e do desenvolvimento de novas relações sociais. Assim, se no passado a criança, quando confrontada com situações incertas, desconfortáveis ou tensas, tendia a procurar a proximidade física com a figura de vinculação, no presente é

mais provável o recurso à comunicação e estratégias mais autónomas para lidar com a situação. A relação com a figuras de vinculação passa a ser de supervisão partilhada, ou seja, a criança e a figuras de vinculação partilham o objectivo de manter um certo grau de supervisão e contacto quando a criança se encontra afastada da supervisão directa.

Marvin e Britner (1999), em consonância com Bowlby, não consideram que essas mudanças se organizem numa fase distinta do desenvolvimento do comportamento de vinculação, embora reconheçam que existe um conjunto de alterações importantes no comportamento de vinculação após o período pré-escolar. Assim, a relação da criança com as figuras de vinculação continua a ser uma relação próxima e as interações entre o comportamento de vinculação e a prestação de cuidados continuam a organizar-se numa relação recíproca cada vez mais sofisticada. Nesta altura em que a criança começa a passar mais tempo distante das figuras de vinculação, torna-se importante o conceito de disponibilidade. Assim, não é tão importante para a relação de vinculação a proximidade física mas a disponibilidade das figuras de vinculação que é percebida pela criança.

AValiação DA QUALIDADE DA VINCULAÇÃO NOS PERÍODOS PRÉ-ESCOLAR E ESCOLAR

Numa revisão da literatura sobre avaliação da qualidade da vinculação no período pré-escolar (3-6 anos), é possível encontrar três grandes grupos de metodologias de avaliação: procedimentos laboratoriais de separação/reunião com as figuras de vinculação e respectivos sistemas de classificação (e.g. Main & Cassidy, 1988; Crittenden, 1992), procedimentos de avaliação baseados na representação simbólica da criança (e.g. Kaplan, 1995; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990; George & Solomon, 1994) e um procedimento de avaliação da qualidade da vinculação em contexto natural, o *Attachment Q-Sort* — AQS — (Waters, 1995). Este último procedimento distingue-se dos anteriores pelo facto de procurar avaliar os comportamentos de vinculação no contexto natural, isto é, em casa, procurando identificar padrões habituais de interacção da criança com as figuras de vinculação, ao passo que os outros dois métodos avaliam a relação com as figuras de vinculação após uma activação intencional do sistema de vinculação da criança.

Tendo em conta os objectivos subjacentes à construção da nossa escala — aplicação do questionário a mães de crianças com 6/7 anos e a impossibilidade do recurso à activação do sistema de vinculação — procedeu-se a um estudo aprofundado do AQS. Este procedimento é utilizado após a observação, no contexto familiar, da relação que a criança estabelece com as figuras de vinculação. Um observador encontra-se presente na casa da criança, observando a família ao longo de duas ou três visitas, num total de duas a seis horas. Após as visitas o observador distribui os cartões com os itens do *Q-set* em nove pilhas, com diferentes valores, indicando o facto do item ser mais ou menos característico do comportamento da criança em causa. Esta cotação pode posteriormente ser correlacionada com cotações de critério correspondentes a várias escalas (desejabilidade social, dependência, sociabilidade, entre outras) e a uma escala geral de segurança,

situando a criança num contínuo entre insegurança e segurança. Este instrumento foi estudado nas suas duas versões (de 100 e de 90 itens), tendo-se procurado identificar os itens que se adequariam à faixa etária abrangida pela nossa escala. Para além destas versões do AQS, foi também estudada uma proposta feita por Waters, Kondo-Ikemura, Richters e Posada (1991) para um novo AQS destinado às crianças entre os 6 e os 12 anos (*Supervision Partnership Q-Sort*). Este instrumento nunca foi, de acordo com os autores, utilizado em investigação, mas apresenta uma proposta de avaliação de comportamentos relacionados com a vinculação que não poderiam ser avaliados pelo AQS, tendo em conta as alterações desenvolvimentais das crianças, em idade escolar, e a sua correspondência ao nível da relação de vinculação.

A revisão da literatura, a partir de estudos longitudinais da vinculação (Thompson, 1999) permitiu também elaborar itens relacionados com a forma como as crianças pertencentes aos diferentes padrões de vinculação na primeira infância se comportavam, no período escolar, na relação com as figuras de vinculação, na escola e no estabelecimento de relações com pares.

A partir desta revisão da literatura sobre o desenvolvimento da vinculação e sobre a sua avaliação nos períodos pré-escolar e escolar, considerámos que os principais construtos a incluir numa escala de avaliação em contexto natural deveriam integrar a procura de proximidade em situações de stress, a auto-regulação emocional, a partilha de afecto, a curiosidade/exploração e a capacidade de auto-protecção em situações de risco.

Estes construtos enquadraram-se numa perspectiva desenvolvimental da vinculação que concebe a criança que transita para o período escolar, como estando num período desenvolvimental que implica algum distanciamento face à presença directa ou física das figuras de vinculação (supervisão partilhada), a capacidade da criança se auto-protger em situações de risco ou insegurança (fruto de uma protecção prévia adequada), a regulação das emoções e impulsos, necessários a uma integração adequada em contextos exteriores à família; nesta fase é também adequado que a criança continue a ser capaz de recorrer ao suporte das figuras de vinculação sempre que se sinta em stress; finalmente, que seja capaz de partilhar afectos. De uma forma geral, o funcionamento adequado da criança nestas dimensões é o fruto de uma relação de vinculação segura, que permitiu o desenvolvimento de modelos internos que moldam as expectativas positivas face ao *self* e ao estabelecimento de novas relações. No entanto, o processo de desenvolvimento destes modelos internos não é encarado como algo imutável, pois, para além de outros processos em jogo, a continuação da sensibilidade e da responsividade adequada por parte das figuras de vinculação continua a ser fundamental neste período de desenvolvimento.

ELABORAÇÃO DA ESCALA

Os itens a incluir na escala partiram da elaboração de um banco de itens, recolhidos em instrumentos existentes (e.g. AQS, de Waters), nos resultados de investigações longitudinais com crianças já avaliadas com a Situação Estranha e nos principais construtos referidos pelos investigadores da vinculação para os períodos pré-escolar e escolar.

Este banco de itens (com cerca de 120 itens) foi submetido a um primeiro momento de avaliação qualitativa por parte dos autores do instrumento, de um conjunto de especialistas na Teoria da Vinculação e ainda de investigadores e profissionais, no sentido de analisar a adequação dos itens à população-alvo e às dimensões conceptuais subjacentes. A formulação dos itens procurou seguir os princípios básicos apontados por Almeida e Freire (2000): objectividade, simplicidade, relevância, amplitude do domínio em que o item se insere e clareza dos itens. O princípio da objectividade dos itens foi seguido de modo particular de forma a evitar possíveis enviesamentos, tendo em conta a proximidade da relação entre os observadores (mães) e os sujeitos-alvo (crianças). Os vários investigadores no domínio da vinculação foram convidados a ler os itens e a procurar relacioná-los com diferentes dimensões relevantes para a investigação da vinculação em idade escolar. Em relação aos profissionais, foi contactado um grupo de professoras do 1º ano de escolaridade que contribuiu para a maior adequação da linguagem dos itens à população a que se destinam.

O passo seguinte consistiu na realização da "reflexão falada" dos itens junto de sujeitos próximos dos futuros destinatários do instrumento. Para tal foram ouvidas várias mães com o objectivo de avaliar o conteúdo e a forma dos itens, nomeadamente a sua clareza, compreensibilidade e adequação aos objectivos da prova.

Deste processo de avaliação qualitativa da escala resultou uma redução significativa do conjunto de itens, obtendo-se um total de 45 itens. Com estes itens elaborou-se uma primeira versão com uma apresentação destinada à auto-administração, sendo incluídas questões relativas aos dados biográficos da criança (género e idade) e instruções de preenchimento. Os itens foram distribuídos de forma aleatória relativamente às dimensões de pertença e o formato de resposta foi uma escala tipo *Likert* de 5 pontos com o seguinte significado: 1 = totalmente diferente do(a) meu filho(a); 2 = um pouco diferente do(a) meu filho(a); 3 = nem parecido nem diferente do(a) meu filho(a); 4 = um pouco parecido com o(a) meu filho(a); 5 = totalmente parecido com o(a) meu filho(a). A escala incluiu itens formulados em sentidos contrários (directo e inverso do construto em causa) dentro de cada dimensão.

Atendendo a que se trata de uma escala multidimensional, pretende-se obter um resultado para cada dimensão, resultante da adição dos valores obtidos em cada um dos itens que as constituem, atendendo desde logo à inversão dos itens de acordo com o significado pretendido. Neste sentido, a escala global (e as respectivas sub-escalas) composta pelos 45 itens referidos, pretende avaliar a percepção da segurança da vinculação, apontando os valores mais baixos para uma percepção de insegurança da vinculação e os mais elevados para uma percepção de segurança. Deste modo, todos os itens que foram formulados no sentido da insegurança foram cotados de forma invertida.

Como forma de controlar as respostas no que diz respeito à desejabilidade social das mães, foi incluída uma escala de desejabilidade social composta por 7 itens. Os itens pertencentes a esta escala também foram distribuídos aleatoriamente ao longo de toda a escala.

A escala foi administrada a uma amostra de 92 mães de crianças que frequentam o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico de quatro turmas de duas escolas da cidade de Braga. A

média de idades das crianças é de 6 anos e 2 meses (com um desvio-padrão de 4.6 meses), sendo 46% do sexo masculino e 54% do sexo feminino.

A amostra foi seleccionada após contacto prévio com os conselhos executivos das escolas e respectiva autorização. Os questionários foram distribuídos às mães das crianças pelas professoras que se encarregaram da sua recolha após o preenchimento.

CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS

As características psicométricas desta primeira versão da escala foram analisadas tendo em conta as cinco dimensões teóricas já definidas: auto-regulação emocional, procura de proximidade em situações de stress, auto-protectão em situações de risco, partilha de afecto e curiosidade/exploração.

Uma vez administrado o questionário procedeu-se, num primeiro momento, à análise dos itens. Todos os dados foram trabalhados utilizando o programa informático SPSS, versão 9.0 para Windows (SPSS, 1999).

Na análise dos dados, para além das estatísticas descritivas dos itens, tais como a média, mediana, desvio-padrão, valor mínimo e máximo, foram também realizadas a análise da consistência interna (através da análise do coeficiente de *alpha* de Cronbach) e da dimensionalidade dos itens (através da Análise Factorial Exploratória de Componentes Principais) tendo em vista avaliar a validade de construto do instrumento. Integramos estes dois tipos de análise como sendo complementares pois ambos podem ser usados para determinar a estrutura final das escalas (Janda, 1998).

De acordo com as análises descritivas efectuadas e com os valores de *alpha* obtidos em cada uma das dimensões definidas, optámos por retirar 17 itens (itens 1, 3, 4, 7, 15, 20, 24, 26, 30, 34, 35, 38, 40, 41, 44, 46 e 51), obtendo-se um total de 28 itens.

O passo seguinte consistiu na realização de uma Análise Factorial Exploratória de Componentes Principais (rotação *oblimin*) forçando a extracção de 5 factores. Nesta análise, os critérios para a selecção da estrutura factorial final foram os seguintes: saturação dos itens no factor igual ou superior a 0,40; o conteúdo dos itens que saturam cada factor não deve apresentar discrepâncias incompatíveis com o conteúdo teórico subjacente. Com esta análise, responsável por 56,2% da variância explicada, verificou-se que as cinco dimensões teóricas previamente definidas não tiveram uma tradução factorial correspondente, concentrando-se a maioria dos itens sobretudo em 3 factores. Dos cinco factores extraídos, o primeiro agrupava itens pertencentes à dimensão de auto-regulação emocional, o segundo era composto por itens relacionados com a dimensão proximidade em situações de stress, auto-protectão em situações de perigo e um item pertencente à dimensão curiosidade/exploração. O terceiro factor era composto pelos itens relacionados com a partilha de afecto. O quarto factor agrupava os dois restantes itens da dimensão de curiosidade/exploração (itens 8 e 52). Finalmente, o último factor era composto por três itens, dois pertencentes à dimensão

proximidade em situações de stress (itens 9 e 17) e um pertencente à dimensão auto-regulação emocional (item 28).

Estes resultados levaram a uma reapreciação teórica das dimensões em causa, sobretudo no que diz respeito aos itens que saturaram no terceiro factor. Como foi dito, os itens que se agruparam neste factor pertenciam às dimensões teóricas de auto-protectão em situações de risco, proximidade em situações de stress e um item à dimensão curiosidade/exploração. Em termos teóricos, existe um construto — comportamento base-segura — que abrange comportamentos relacionados com estas três dimensões, ou seja, comportamentos relacionados com a utilização das figuras de vinculação como uma base segura a partir da qual a criança pode explorar o ambiente e a quem pode recorrer quando necessita de apoio. Assim, optámos por denominar o conjunto de itens que se agruparam neste mesmo factor de *comportamento base-segura*.

O quinto factor obtido com esta análise factorial agrupava, como foi referido, 3 itens que também saturavam em dois outros factores (nomeadamente, os itens 9, 17 e 28). Tendo em conta que o conteúdo destes itens não se adequava à criação de uma sub-escala composta exclusivamente por estes três itens, o item 28 foi incluído na dimensão de auto-regulação emocional e os itens 9 e 17 na dimensão de comportamento base-segura.

Esta primeira análise conduziu também à redução do total de itens da escala para 26, tendo em conta que o factor composto pelos dois itens da dimensão curiosidade/exploração (itens 8 e 52) não apresentava, em termos de consistência interna, um valor de *alpha* satisfatório (.27), pelo que foi retirado da escala.

Finalmente, de acordo com este processo (análise da consistência interna e análise factorial) foi possível também verificar que o factor relacionado com a dimensão auto-regulação emocional, agrupava 12 itens formulados no sentido da insegurança, optando, por isso, por se denominar esta sub-escala de *difficultades de auto-regulação emocional*.

Tendo em conta a reapreciação teórica suscitada pela análise de consistência interna dos itens e pela análise factorial, foi realizada uma nova Análise Factorial, desta vez forçando a extracção de 3 factores de acordo com as novas dimensões definidas: dificuldades de auto-regulação emocional, comportamento base-segura e partilha de afecto, num total de 26 itens. Nesta análise, foram mantidos os critérios para a selecção da estrutura factorial final definidos para a análise anterior.

Os resultados desta Análise Factorial, quanto à saturação, valor próprio e variância explicada, são apresentados no Quadro 1. Tal como se verifica esta solução permite explicar 48,6% da variância total, sendo o factor 1 constituído por itens que relacionamos com a dimensão dificuldades de auto-regulação emocional (responsável por 24.04% da variância explicada), o factor 2 composto pelos itens que relacionamos com a dimensão comportamento base-segura (responsável por 15.72% da variância explicada) e o factor 3, constituído por itens da dimensão partilha de afecto (responsável por 8.84% da variância explicada). Tendo em conta que os itens 18, 22, 42 e 48 apresentam valores de saturação superiores a .40 em duas sub-escalas simultaneamente, considerámos o valor mais elevado como critério para incluir os

itens 18 e 48 na sub-escala de partilha de afecto, o item 42 na sub-escala comportamento base-segura e o item 22 na sub-escala dificuldades de auto-regulação emocional.

Quadro 1 - Estrutura factorial da escala, valor-próprio, percentagem da variância explicada e α de Cronbach para cada uma das dimensões

Itens	F1 (Dificuldades de Auto-Regulação Emocional)	F2 (Comportamento Base Segura)	F3 (Partilha de Afecto)
14*	.861		
29*	.777	.790	
21*	.755	.761	
50*	.730	.705	
47*	.709	.701	
28*	.703	.690	
36*	.638	.650	
22*	.631	.551	(.479)
43*	.590		.792
6*	.524		.758
13*	.509		.618
5*	.490		.595
39			.571
16			.563
17			.508
33			
9			
27			
42			
32			
19			
10			
48			
18			
25			
11			
Valor-próprio	6,25	4,09	2,30
% variância explicada	24,04%	15,72%	8,84%
Alpha	.88	.82	.76

*itens invertidos

Os valores de α de Cronbach obtidos com estes 26 itens, que se encontram também no Quadro 1 foram de .86 para o total da escala, .88 para a sub-escala de dificuldades de auto-regulação emocional, .82 para a sub-escala de comportamento base-segura e .76 para a sub-escala partilha de afecto. Todos estes itens revelam valores de correlação item-total superiores a 0,20, sendo que a retirada de cada um destes itens não tem qualquer efeito ao nível do aumento do α total da respectiva sub-escala.

De acordo com os três factores definidos, apresentam-se de seguida os respectivos conteúdos dos itens e que compõem as três sub-escalas que integram esta primeira versão da escala de percepção materna do comportamento de vinculação. O Quadro 2 apresenta os itens pertencentes à sub-escala de dificuldades de auto-regulação emocional; os itens relativos à sub-escala comportamento base-segura apresentam-se no Quadro 3; os itens da sub-escala partilha de afecto são apresentados no Quadro 4; os itens da sub-escala de deseabilidade social encontram-se no Quadro 5.

Quadro 2 - Conteúdo dos itens da sub-escala de dificuldades de auto-regulação emocional

Itens	Conteúdo
5*	O meu filho(a) gosta que eu/ deixemos/ sozinha(o) quando está com problemas (triste, chateado, etc)
6*	Quando o meu filho(a) teve que ficar separad(a) de nós durante uma noite, ele(a) ignorou a nossa presença quando nos reencontrámos.
13*	O meu filho(a) grita-nos com raiva
14*	Após uma situação em que esteve separado de nós, o meu filho(a) mostrou-se agressivo(a). Quando nos reencontrámos,
21*	O meu filho(a) fica zangado connosco durante muito tempo
22*	Após voltar para casa após os primeiros dias de aulas, o meu filho(a) deu atenção aos brinquedos ou à televisão, procurando evitar falar connosco
28*	O meu filho(a) é frio e indiferente em relação a nós
29*	Após uma situação em que esteve separado de nós, o meu filho(a) procurou humilhar-nos ou punir-nos quando nos reencontrámos.
36*	O meu filho(a) diz coisas para nos magoar
43*	O meu filho(a) ameaça portar-se mal
47*	O meu filho(a) esconde-nos erros e acidentes que viveu, com medo que não gostamos mais dele(a)
50*	O meu filho(a) ameaça magoar-se ou ficar ferido em actividades arriscadas

*itens invertidos

Quadro 3 - Conteúdo dos itens da sub-escala de comportamento base-segura

Itens	Conteúdo
9	Quando confrontado com uma situação de dificuldade, o meu filho(a) procura ajuda junto de nós, se tal for necessário.
16	Quando o meu filho(a) aprende algo de novo, mostra-se curioso(a) por aprender mais acerca desse assunto (p.ex., fazendo-nos perguntas).
17	Depois de apertar um botão ou de estar aflito(a), o meu filho(a) atalma-se depressa tendo contacto físico consigo.
27	O meu filho(a) respeita as nossas restrições relacionadas com a sua segurança (p.ex., não se aliaia de casa mais do que o permitido).
33	O meu filho(a) procura saber a nossa opinião quando consegue fazer alguma coisa pela primeira vez, no sentido de obter a nossa aprovação.
39	O meu filho(a) pede-nos ajuda quando está aflito(a) ou tem problemas.
42	O meu filho(a) segue os conselhos que nós lhe damos, com base nas nossas próprias experiências, em assuntos de segurança e risco.

Quadro 4 - Conteúdo dos itens da sub-escala de partilha de afecto

Itens	Conteúdo
10	O meu filho(a) informa-nos do problemas que teve fora de casa (p.ex., na escola, se se magoa ou se angaria com um colega).
11	O meu filho(a) confidencia-nos situações em que fica só ou é excluído pelos outros.
18	O meu filho(a) fala connosco acerca de preocupações que tem sobre o relacionamento afectual com outras pessoas (p.ex. amigos ou adultos).
19	O meu filho(a) gosta de nos contar as coisas boas que aconteceram com ele(a).
25	O meu filho(a) conta-nos situações de perigo e possibilidades de acidentes que viveu fora de casa.
32	O meu filho(a) procura-nos quando está ferido(a) ou magoado(a).
48	Após o primeiro dia de aulas, o meu filho(a), ao chegar a casa, quis logo contar-nos como correu o dia.

Quadro 5 - Conteúdo dos itens da sub-escala de desejabilidade social

Itens	Conteúdo
2	O meu filho(a) comporta-se sempre bem.
12	O meu filho(a) nunca nos desobedeceu.
23	O meu filho(a) nunca fez nada que merecesse um castigo.
31	O meu filho(a) nunca fez birra.
37	O meu filho(a) nunca fez nada que me deixasse um pouco irritada.
45	O meu filho(a) diz sempre a verdade.
49	O meu filho(a) está sempre alegre.

Finalmente procedeu-se a uma análise de correlação de Spearman entre as sub-escalas obtidas e a escala total, apresentada no Quadro 6. A análise destes resultados permite concluir que todas as sub-escalas, com excepção da escala de desejabilidade social, se correlacionam significativamente com a escala total, o que mostra como estas sub-escalas estão relacionadas com a percepção da segurança da vinculação. É também significativa a correlação entre as sub-escalas. O facto de não ser encontrada uma correlação significativa entre a escala de desejabilidade social e as restantes sub-escalas mostra-nos que a resposta aos itens da escala não estão imbuídos de respostas no sentido do que é socialmente desejável, o que se torna relevante no âmbito da avaliação do comportamento de vinculação através das mães.

Quadro 6 - Matriz de Correlação de Spearman entre as sub-escalas e a escala total

	Dificuldades de Auto-Regulação emocional	Comportamento Base-Seguro	Partilha de Afecto	Total	Desejabilidade Social
Dificuldades de Auto-Regulação emocional	—				
Comportamento Base-Seguro	28,4**	—			
Partilha de Afecto	38,7**	50,1**	—		
Total	868**	586**	700**	—	
Desejabilidade Social	108	157	119	115	—

CONCLUSÃO

A escala de avaliação da percepção materna do comportamento de vinculação da criança (PCV-Mãe)² apresenta, após este estudo preliminar, valores de validade e fidelidade considerados aceitáveis, constituindo-se assim como um instrumento útil para a avaliação da segurança da vinculação em crianças nos períodos pré-escolar e escolar.

As três sub-escalas deste instrumento — dificuldades de auto-regulação emocional, comportamento base-seguro e partilha de afecto — correspondem a três dimensões importantes do desenvolvimento da vinculação neste período, que poderão ser úteis na avaliação em diferentes contextos, nomeadamente o contexto clínico. A escala de avaliação de desejabilidade social mostra-se também como uma escala importante quando está em causa a avaliação da vinculação através da mãe, embora sejam necessários mais estudos que atestem a sua validade. Outra vantagem deste instrumento reside na possibilidade de utilização em grandes amostras, devido à sua reduzida dimensão (33 itens, incluindo os de desejabilidade social) e facilidade de resposta, podendo assim vir a constituir-se como uma alternativa às metodologias de avaliação da vinculação utilizadas nesta população que apresentam, como já

foi referido, custos elevados de utilização, podendo assim contribuir para a investigação neste domínio.

No entanto, este instrumento apresenta ainda algumas limitações que importa ter em consideração. Em primeiro lugar, a escala necessita ser aplicada em amostras mais vastas, de modo a permitir análises psicométricas que contribuam para o estudo da sua validade e fidelidade, iniciado nesta investigação preliminar. Em segundo lugar, será importante estudar esta escala em amostras clínicas, permitindo analisar a sua validade discriminante. Finalmente, importa proceder à avaliação da validade convergente do instrumento com outros procedimentos de avaliação da qualidade da vinculação nesta faixa etária reconhecidos na literatura científica.

NOTAS

- 1 O projecto de investigação longitudinal "Estudo de Coortes — do uso ao abuso de substâncias psicoactivas: os mecanismos de "risco adictivo" da infância à idade adulta", coordenado pelo Prof. Doutor Carlos Farate prevê o acompanhamento de uma coorte, composta por 2500 sujeitos que frequentam o 1º ano de escolaridade, durante 10 anos, com o objectivo de identificar factores de risco e factores protectores do consumo de droga. Estes sujeitos serão avaliados relativamente a aspectos médicos, sociais e psicológicos considerados importantes para o desenvolvimento de comportamentos de uso de drogas. Um dos construtos psicológicos considerado importante para este percurso desenvolvimental é a vinculação, pelo que foi proposto aos autores o desenvolvimento de um instrumento que permitisse a avaliação da vinculação numa larga amostra de crianças que frequentam o primeiro ano de escolaridade.
- 2 Encontra-se em fase de estudo a versão do questionário para professores (PCV-Prof)

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. S. & Freire, T. (2000). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Bretherton, I., Ridgeway, D. & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 273-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Crittenden, P. M. (1992). *Preschool Assessment of Attachment*. Manuscrito não publicado. Family Relations Institute, Miami, FL.
- George, C. & Solomon, J. (1994). *Six-year attachment doll play procedures and classification system*. Manuscrito não publicado, Mills College, Oakland, CA.
- Janda, L. H. (1998). *Psychological testing: theory and applications*. Massachusetts: Ally & Bacon.
- Kaplan, N. (1987). *Individual differences in six-year-olds' thoughts about separation: Predicted from attachment to mother at one year of age*. Dissertação de doutoramento não publicada, University of California at Berkeley.
- Main, M. & Cassidy, J. (1988). Categories of response to reunion with the parent at age 6: Predictable from infant attachment classifications and stable over a 1-month period. *Developmental Psychology*, 24, 1-12.
- Marvin, & Britner (1999). Normative development: The ontogeny of attachment supervision partnership. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 44-67). New York: Guilford Press.
- Solomon, J. & George, C. (1999). The measurement of attachment security in infancy and childhood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp.287-316). New York: Guilford Press.
- Thompson, R. A. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp.265-285). New York: Guilford Press.

Waters, E. (1995). The attachment Q-Set. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada & Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2-3 Serial No. 244), 247-254.

Waters, E., Kondo-Ikemura, K., Richters, J. E. & Posada, G. (1991). Learning to love: Milestones and mechanisms. In M. Gunner & A. Sroufe (Eds.), *Self processes and development. The Minnesota Symposium on Child Development* (v.23). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

A SCALE FOR ASSESSING THE MATERNAL PERCEPTION OF THE ATTACHMENT BEHAVIOR IN 6-YEARS OLD CHILDREN

Abstract — *This paper presents a scale for assessing maternal perception related to her 6-years old child's attachment behavior. First, the authors analyse the scale's theoretical framework and describe its elaboration process. The results concerning a psychometric study with a sample of 92 mothers are presented and discussed.*